



## VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DE PARCEIROS DE TRANSEXUAIS<sup>1</sup>

Milene Soares<sup>2</sup>

Maria Alves de Toledo Bruns<sup>3</sup>

Na década de 90, com o surgimento das Teorias Queer e a proposta de refletir a construção histórica das categorias de gênero e sexo em oposição aos paradigmas da heteronormatividade, novas subjetividades passam a ter visibilidade. Historicamente, a heteronormatividade institui-se e reitera-se na lógica dominante da heterossexualidade, onde a coerência e continuidade entre corpo/gênero/sexualidade estabelece uma forma obrigatória de sexualidade. Nessa lógica, a concepção binária do sexo é tida como “natural” e independente da cultura, e assim, a concepção de gênero e de sexualidade torna-se limitada a um único e imutável destino. (LOURO, 2004).

Sabemos que, ao legitimar algumas identidades sexuais e de gênero em detrimento de outras que se estabelecem os discursos dominantes, assim como quem têm autoridade e influência para representar uma superioridade moral e social. Delimitam-se margens e quem está dentro ou fora delas. As regras da heteronormatividade se constituem na própria sociedade, servindo para controlar e normatizar as condutas sexuais dos indivíduos, estruturando seus desejos e práticas de um único modo, segundo a norma dominante heterossexual, estabelecida como o correto e sadio (LIMA, 2009).

Segundo Louro (2004), os estudos *queer* enfatizam a necessidade de viabilizar transformações epistemológicas que desconstrua a lógica binária heteronormativa e seus efeitos de hierarquia, classificação, dominação e exclusão. Por meio da reflexão de características como a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, sugerem-se maneiras criativas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação, possibilitando o surgimento de políticas para o combate à homofobia, ao preconceito e à intolerância contra a população GLBTT (homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais).

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta do projeto em andamento da dissertação do mestrado intitulado: “Quem são os parceiros de transexuais? Relatos de vivências” de Milene Soares, sob orientação da Prof. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade de São Paulo /Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - SP.

<sup>2</sup> Mestranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP; Especialista em Psicologia da Saúde e Terapia de casal e família. Membro do grupo sexualidade-vida-USP/CNPq. Email: milenesoares222@hotmail.com.br

<sup>3</sup> Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Especialista em Sexualidade, Psicanalista, Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida-USP/CNPq. Email:toledobrun@uol.com.br



Considerando que, a visibilidade das “minorias sexuais” foi possibilitada pela pós-modernidade, torna-se imprescindível reconhecer e conhecer os conjuntos de características típicos do cenário contemporâneo, como: transformações em velocidade estonteante, avanços tecnológicos, mudanças profundas nas relações entre os indivíduos, rupturas de paradigmas, novos padrões de ética, valorização da estética e do consumo. Essa valorização leva a lógica das paixões consumistas cujas ressonâncias vêm afetando os vínculos afetivo-sexuais que, ao adequarem a essa lógica consumista, o sujeito passa a ocupar o lugar de objeto descartável e ou reciclável.

As transformações nas identidades do sujeito pós-moderno, provocadoras de deslocamentos ou descentramentos, desorganizam a idéia de si próprio como sujeito integrado no mundo, desencadeando uma “crise de identidade”, originária do processo de mudanças ocasionadas pela inevitável constituição de uma identidade “móvel” do sujeito atual, e a insegurança instituída por tal situação. Não obstante, a formação e transformação contínuas resultam em angústia pela necessidade humana de escolher e se definir. Tal pluralidade confronta-se à idéia de unidade e de universalidade que são consideradas as bases do modernismo. Enfim, a uniformidade sucumbiu à diversidade, seja nas relações humanas, na família, na arte, nos valores e nos costumes, como na produção de bens de consumo e na cultura contemporânea de forma geral (HALL, 2003; VAITSMAN, 2003).

Para Bauman (2004), o cenário atual traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos que são tecidos em “redes” e em sites de relacionamentos virtuais de modo a serem “deletados” com a mesma facilidade em que foram “linkados”. Esse modo de ser e de estar num relacionamento vem desencadeando desencanto e, quando não, angústia e uma profunda sensação de vazio existencial.

Nessa realidade, situamos nosso interesse em compreender a vivência afetivo-sexual de parceiros de transexuais, homens/sujeitos pós-modernos que nos incitam a refletir sobre o modo de expressar o desejo. Para realizar tal intento, nesse texto, vamos dialogar com os autores acessados, por nós, até esse momento de modo a oportunizar ao leitor uma compreensão teórica acerca da sexualidade, construção de gêneros no decorrer da história.

A sexualidade em sua concepção mais ampla agrega elementos que ultrapassam a questão física, envolvendo crenças, valores, tabus que coexistem na relação do indivíduo com o próprio corpo e com o outro, na sua idéia de beleza, prazer, afetividade, troca e intimidade (JACOBSON, 2007). No que se refere à construção da identidade de gênero é evidente que existe uma correlação com o sexo biológico, mas trata-se de um processo muito mais subjetivo, social e cultural, já que os



papéis femininos e masculinos são reconhecidos a partir das relações interpessoais. Assim, o papel sexual ou de gênero revela publicamente a designação pessoal de masculino e feminino, e a identidade sexual ou de gênero inclui a identidade genital e a afetivo-sexual, bem como o papel de gênero (COSTA, 1994; SANTOS, 2004).

A orientação sexual dos parceiros dos transexuais pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Porém, segundo VERDE e GRAZIOTTIN (1997), a orientação homossexual é dominante, mesmo sendo impregnada por comportamentos heterossexuais. Assim, segundo esses autores, a escolha de um parceiro transexual pode constituir um engano com relação às necessidades de identidade tanto por parte do transexual quanto de seu parceiro, que, na realidade é homossexual (PINTO, 2008).

Na busca por pesquisas sobre os parceiros afetivo sexuais de transexuais, encontramos artigos da década de 80 e 90 que podem contribuir para a compreensão do fenômeno em questão.

No estudo de Money e Lacmacz (1984), é utilizado o termo ginemimetofilia para denominar homens que possuem interesse afetivo-sexual por homens feminilizados ou que vivem em sua comunidade como mulheres. Money e Lacmacz (1984) relataram haver clínicas médicas para o tratamento desses homens, cujo comportamento, estaria situado no campo das parafilias ou transtornos de preferência sexuais.

Já o termo ginandromorfofilia foi utilizado pela primeira vez por Blanchard e Collins (1993) para nomear os homens que se interessam sexualmente por travestis, transexuais e homens feminilizados. Para os autores, a ginandromorfofilia se institui como um interesse erótico diferenciado e particular, onde homens masculinos, que não se travestem e não fazem diferenciação entre os termos: transexuais, travestis ou qualquer outro tipo buscam os travestis ou transexuais para manter relações afetivo-sexuais. Ou ainda, homens feminilizados, que se reconhecem em atividades de travestis devido à forma de se vestirem ou ao estilo de vida, procuram outros como eles para encontros sexuais.

Blanchard e Collins (1993) afirmam que, em sua maioria, os ginandromorfófilos não se definem como gay ou homossexual e esperam ser tratados como homens. Assim, se distinguem dos travestis e transexuais pela maneira como se reconhecem e a forma como esperam ser tratados, além da preferência pelo papel dominante na interação sexual. Os autores acreditam que os ginandromorfófilos constituem uma população maior do que se imagina já que é grande o número de publicações em revistas pornográficas, a prostituição em anúncios de jornais diários ou em ruas, enfim, do mercado para esses consumidores específicos.



Segundo a pesquisa desses autores, os relatos mostraram que a grande maioria dos ginandromorfófilos não fez referência ao seu estado civil e poucos assumiram ser casados. E concluem afirmando que geralmente esses homens não possuem atividades ou comportamentos travésticos. (BLANCHARD e COLLINS, 1993).

Huxley, Kenna e Brandon (1981), em seu estudo, fala sobre a relação afetivo-sexual estabelecida entre os transexuais e seus parceiros, e relata que tais parceiros aceitam pacificamente ou compartilham a idéia dos transexuais, que acreditam ter nascido em “corpos trocados”, por “amor”. Os autores acreditam que o grau desse compartilhamento de idéia seria expresso na intensidade do laço de afeição entre os parceiros, em suas necessidades sexuais e no padrão de dominância entre o casal. E concluem que, geralmente, o transexual exerceria uma dominância sobre seu parceiro, apesar de na maioria das vezes pertencerem à mesma classe social.

Nesse mesmo sentido, Verde e Graziottin (1997) acredita que o casal transexual está compartilhando um *folie à deux*, termo antes utilizado pela psiquiatria para denominar o que hoje é chamado pelo DSM-IV-tr (2002) como Transtorno Psicótico Compartilhado e pelo CID-10 (2008) como Transtorno Delirante Induzido.

Tal transtorno é caracterizado pela presença de sintomas psicóticos semelhantes em dois ou mais sujeitos, trata-se de um delírio partilhado por duas ou mais pessoas ligadas muito estreitamente entre si no plano emocional. Apenas uma dessas pessoas apresenta um transtorno psicótico autêntico, as idéias delirantes são induzidas na(s) outra(s) e são habitualmente abandonadas em caso de separação das pessoas. A associação a esse transtorno de fatores tais como a dominância, submissão, personalidade pré-psicótica, sexo, idade, tipo de delírio e homossexualidade é discutida e a ênfase dos estudos tem recaído nos fatores de origem e nos mecanismos de explicação, incluindo identificação, hereditariedade e desenvolvimento, imitação e simpatia, choque e pressão. Este transtorno é raro nos contextos clínicos, embora se argumente que alguns casos passam despercebidos. Logo, para esses autores, os parceiros de transexuais estariam compartilhando o delírio psicótico do transexual.

Ainda segundo Verde e Graziottin (1997, p.166), “as características dos *partners* “normais” dos transexuais são difíceis de serem definidas, porque freqüentemente eles fogem do encontro clínico”. Esses autores afirmam que alguns transexuais escolhem seus parceiros para constituir relações, enquanto outros preferem viver constantemente na condição de solteiros. Referem os autores que o significado da escolha do parceiro é diferente para o transexual, já que os transexuais



masculinos não podem procriar ou engravidar e os transexuais femininos não conseguem penetrar para procriar sua parceira.

Em estudo mais recente, Lewins (2002) aponta as diferenças entre os relacionamentos de transexuais masculinos para femininos e de transexuais femininos para masculinos. Segundo o autor, os relacionamentos de transexuais masculinos para femininos são mais instáveis e há uma valorização nas características físicas e comportamento sexual do parceiro, mostrando que agem segundo características do gênero masculino.

Já Brown (2009), se propõe a estudar, ao contrário dessa pesquisa, mulheres que se relacionam com transexuais femininas para o masculino, e diz que a maioria destas mulheres relatou que a relação afetivo-sexual foi afetada negativamente no período de transição física e hormonal do parceiro, que passou de uma aparência feminina para masculina, isso devido a uma história pessoal de traumas e a orientação sexual lésbica. Mas também relatam terem sido afetadas de forma positiva, já que o parceiro passou a se sentir mais satisfeito com o próprio corpo e teve um aumento da libido devido aos hormônios masculinos.

Essa trajetória em busca de pesquisas acerca do modo de ser dos ginemimetófilos ou ginandromorfófilos nos possibilita dizer que há um vazio de estudos, e, é essa condição que nos instiga a ouvir suas narrativas, pois acreditamos que assim poderemos contribuir para ampliar o universo das diversidades sexuais, bem como deslocar o paradigma da heteronormatividade.

### *Referências*

- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA - APA. (2002) Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV-TR. (Cláudia Dornelles, Trad.). Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BLANCHARD, R.; COLLINS, P.I. Men with sexual interest in transvestites, transsexuals, and she-males. *Journal of Nervous and Mental Disease*: v.181,n.9, p.570-5, 1993.
- BRUNS, M.A.T.; SANTOS, C. Diversidades sexuais, corpos e desejos em transformação. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro – SPTM*, Uberlândia, v.10, n.2, p. 105-108, jul/dez. 2006.
- COSTA, R.P. *Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Editora Gente, 1994.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HUXLEY, P. J.; KENNA, J. C.; BRANDON, S. B. Partnership in *transsexualism*. Part II. Paired and nonpaired groups. *Arch. Sex. Behav.*, Manchester: v.10, n.2, p. 143-160, 1981.



- JACOBSON, C. M. A construção da sexualidade na família e seus contextos. IN: HORTA, A. L. M. e FEIJÓ, M. (Org). *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte, 2007.
- LIMA, A.S. *Representações e construção de valores hegemônicos: olhares sobre as travestilidades no cotidiano social*. Disponível em: <<http://www.mostraseuvalor.org.br/publicacoes/arquivos/Aline%20Soares%20revisado.doc>>. Data de acesso: 23 de junho de 2010.
- LOURO, G.L. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MONEY, J; LAMACZ, M. *Gynemimeses and gynemimetophilia: Individual and cross-cultural manifestations of a gender-coping strategy hitherto unnamed*. *Comprehensive Psychiatry*, v.25, n.4, p. 392-403,1984.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10*. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 10 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- PINTO, M.J.C. *A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas*. Ribeirão Preto - SP: Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo-USP, 2008.
- SANTOS, C. *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas*. Ribeirão Preto - SP: Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo-USP, 2004.
- VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. VASCONCELLOS, M.J.E. *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus, 2003.
- VERDE, J.B.; GRAZIOTTIN, A. *O enigma da identidade: o transexualismo*. Tradução Sérgio Schirato. São Paulo: Paulus, 1997.